



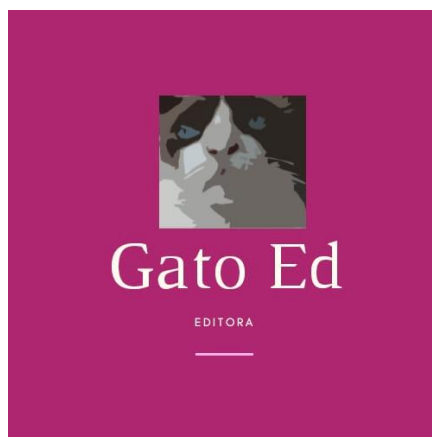
Encontro de Almas

Danillo Pietro Craveiro



“Encontro de Almas” é um livro autobiográfico, o segundo que a Editora Gato Ed tem a honra de publicar. Falar de si para uma amiga ou um amigo não é nada fácil, imaginem falar para o mundo, contar seus medos, suas incertezas, as violências sofridas, é preciso muita coragem. E sendo um homem negro, periférico, transgênero, homossexual, afroreligioso, artista, um motivo atrás do outro para ser discriminado e perseguido por uma sociedade que não respeita o que significa ser diferente e não reconhece a inteligência e a beleza de uma pessoa que pensa e produz independente ou apesar de toda a repressão que é imposta sobre sua existência. Danilo é desses pensadores, a coragem de colocar em texto suas mais difíceis experiências é a mesma que usa para enfrentar todos os dias a sociedade que finge que ele não existe e finge não ouvir os gritos de socorro de tantas pessoas trans que todos os dias são vítimas de seus abusos. Então, boa leitura.

Leila Leite
Editora
Em: 11-09-2020





Danillo Pietro Craveiro

Encontro de almas

Editora Gato Ed
Belém-Pará
2020

Capa: Leila Leite
Diagramação: Leila Leite
Revisão: Gê Dias
Ilustração: Danillo Pietro Craveiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

C898 Craveiro, Danillo Pietro.
Encontro de almas [recurso eletrônico] / Danillo
Pietro Craveiro. — 1. ed. — Belém : Gato Ed, 2020.
Dados eletrônicos (pdf).

ISBN 978-65-5854-023-6

1. Romance autobiográfico. 2. Transexualidade.
3. Homem transexual. 4. Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.3

Este livro é disponibilizado de forma gratuita em seu formato e-book no site da Editora Gato Ed.

E-BOOK GRATUITO



Agradecimentos

Agradeço a minha ancestralidade e espiritualidade que permitiu o meu existir hoje na qual herdei um terço da força, garra, resistência e sabedoria. Agradeço ao Orum e Aiyè, ao vodun azonsu que escolheu minha coroa para me guiar e cuidar com juntó vodun azili Kaya, Agradeço a vodun Alegbara e Lissà a quem sempre recorri nos bons e ruins momentos e nunca me desampararam.

Agradeço a vodun Gu dono do Kwe onde encontrei meus zeladores de santo César de Gu e Eliane de Azili Tobossi e irmãos à quem sou extremamente grato pela concepção da pessoa que me tornei em questões comunitárias e de caráter, assim como sou extremamente grato a toda a encantaria existente na nossa família, em especial as famílias de Mata, Turquia, Bandeira e Codó que convivo no meu barracão.

Agradeço as mais belas amizades que cativei até aqui, amigos de longas e lindas datas, em especial Carla Garcia que sempre acompanhou minha trajetória e a

quem deposito a minha mais cara confiança e amor, Gisele Barroso minha madrinha que foi uma das primeiras pessoas que tive contato com a minha transgressão e a quem me apresentou o acê, a todes mi amigues e companheres militantes Travestigeneres e LGBTQIA+ e simpatizantes que lutam pelo respeito e aplicação dos direitos humanos a pessoas com pouca representatividade social.

Agradeço imensamente aos meus professores das escolas públicas de ensino fundamental e médio, Universidade Federal do Pará e Gepem pelo carinho, dedicação, inserção e amor a profissão, tal qual dedico meus mais sinceros votos de respeito e admiração pelo ensino público de qualidade que por muitas vezes me salvou mesmo sem ter estruturas adequadas, salas lotadas e déficit financeiro e a editora ED gato que me proporcionou essa maravilha surpresa de oficialmente me tornar escritor dando espaço para minha voz.

E por último, porém com grau de importância grandiosa a minha mãe Andréia Craveiro, mulher preta, periférica, interiorana, nortista, amazonida, guerreira, corajosa e sábia que já enfrentou muito racismo e diversos preconceitos por ser preta, pobre e mulher e nunca baixou a cabeça, continuou forte, firme e com fé. Fé essa que me fez conectar com a minha espiritualidade através da rainha da Amazônia, nossa senhora de Nazaré a quem somos devotos e nunca nos desamparou. Mãe, você é a melhor mãe que poderia ter e nem toda a eternidade será o suficiente para te agradecer por tudo que você fez e faz por mim, eu sempre te disse que algumas pessoas parem pessoas apenas pela barriga ou vagina com vínculo sanguíneo, mas os verdadeiros pais e mães são aqueles (as) que parem com o coração e tem amor como DNA, nossos caminhos se cruzaram por algum motivo e até a minha ida para junto de meus ancestrais prometo me dedicar a nossa família e nunca te deixar só, te dar amor, carinho e todo conforto que um filho pode dar a sua mãe. Você é a minha inspiração, minha força, meu amor maior.



Dedico essa obra a todas as crianças travestigeneras e pessoas Trans que tiveram suas vidas ceifadas pela transfobia e preconceito.



Introdução

Quando pensamos em “amor”, logo vem na maioria das cabeças um amor com atração sexual, com isso surge os pensamentos de que para viver um amor é preciso constituir famílias, ter filhos, um cachorro, casa, entre outras coisas.

Essa história retrata o amor que para algumas pessoas foi complicado de se entender, estranho até, porém necessário. É uma história de adoção um tanto quanto diferente e que até hoje não encontrei alguém que tenha batido esse “recorde”.

Os convido para apreciar essa história e lembrar que ninguém tem obrigação de amar ninguém. Amor não é obrigação, não é imposição, é um sentimento que precisa de verdade, vínculo e paciência para acontecer e escolher amar não é tão fácil e simples como aparenta ser.

Viver o amor requer mais disposição e pensamento crítico do que se entregar de fato, sem pensar e medir consequências.

É uma história realatée



Capítulo

1

Alguma vez na sua infância você pensou como seria sua vida quando adulto? Provavelmente sim, pelo menos imaginou que trabalharia no que desejava, teria filhas, amigos para curtir a vida, se casaria com alguém por amor. Mas você parou para pensar se você realmente se encaixa no padrão pré-estabelecido na sociedade? Em termos de padrões corporais, de cor, de classe social, orientação sexual e romântica? E identidade de gênero? Você nasceu ou se tornou cisgênero? Você nasceu ou se tornou transgênero? Essas preocupações e indagações são necessárias na vida de uma pessoa tanto para ela saber quem de fato é e até mesmo para ter uma mente saudável?

Para alguns era algo quase que certo e para outros nem tanto. Para uma criança era algo que não devia ser pensado, pois as expectativas não eram boas coisas.

Elu nasceu em 1997, o “pai” nunca assumiu esse filho, a “mãe” adolescente após parir abandonou com sua mãe que queria o aborto desse bebê. Essa avó “criou” esse neto da mesma forma que tinha criado os outros filhos e filhas dela. Entretanto ao crescer, essa criança começou a demonstrar “problemas” no que a avó e familiares chamavam de “normal” (padrão social em questões de gênero).

Em uma festa junina, dois adolescentes começaram a se paquerar e decidiram dançar juntos o xote. Nessa dança foram ficando mais próximos, trocaram beijos, abraços e carícias as escondidas, pois se a mãe os visse ou qualquer pessoa que conhecesse a garota notasse falaria para a sua mãe e a mesma faria um escândalo por acreditar que a filha de 13 anos era muito jovem para se envolver com alguém, ainda mais com um rapaz que não tinha dinheiro e nem possuía nenhum tipo de conforto que pudesse agradar a mãe da tal garota. Ela tinha 13 anos, se chamava Lia, ele com 17 respondia por Guto, após a festa junina, o casal engatou em um relacionamento, encontravam-se as escondidas para namorarem, porém a mãe de

Lia, com toda a sua experiência de detetive da vida dos outros, descobriu e humilhou a garota, colocando toda a culpa do envolvimento nela, pois segundo esta, Lia havia se insinuado e isso não era coisa de moça direita e de família, pois beijo engravidava e a proibiu de continuar vendo Guto.

Lia era a segunda filha de Damares, era negra e todo o serviço doméstico era destinado à ela, pois sua mãe justificava que ela tinha necessidade de realizar os afazeres de casa, pois era a única mulher até então e os homens da casa não fazem serviços domésticos porque isso é coisa de fêmea. Então Lia fazia tudo na casa desde de que se tornou “moça”, aos 11 anos, desde a comida até encher água na casa do vizinho para todos tomarem banho e ao acabarem sua higiene a menina deveria limpar o banheiro depois que os homens utilizassem com seus corpos sujos e fedorentos das suas grandes atividades masculinas, transar com meninas que mal sabiam lavar as calcinhas e jogar bola com outros homens escrotos.

O que mais intriga é que esse comportamento fora normalizado totalmente, a mulher se tornou babá de homem independente da sua idade ou sua experiência e o homem por sua vez se tornou dependente da mulher, porém nunca fora grato à ela. Lia era sempre tratada como alguém que tinha grande potencial de jogar tudo para cima e engravidar. Segundo Damares isso seria a pior coisa que poderia acontecer, mesmo porque a própria mãe dizia que isso era atitude de *moleca e puta*. A garota não poderia ter amigos homens, pois para sua mãe já estava se “enloxerindo” e com “fogo no rabo”, e nem amigas mulheres porque mulheres juntas “viram sapatão”, ou seja, o ideal seria que a garota ficasse totalmente sozinha sempre. Porém ela gostava muito de conversar, ter amigos e dançar, e graças a esse gosto por dança encontrou Guto, como falado anteriormente, numa festa junina.

Guto era o típico *bad boy* que não estudava, não trabalhava, não lavava uma louça e nem tinha pretensão de sair da barra da saia da mãe, já com 17 anos não era virgem a muito tempo e sua distração era ficar com as meninas que o

interessassem, ao envolver-se com Lia, fazia o que fosse possível para vê-la. Talvez o proibido para eles fosse o mais gostoso.

Em um desses encontros foram descobertos por Damares, que foi surrando Lia da rua do muro da mata da Marinha até em casa e na rua foi gritando. Só não a chamou de santa, puxou cabelo, humilhou, quebrou sua boca, deixou ela toda roxa. Damares nunca parou para pensar que o problema podia estar na criação que ela deu aos filhos, ao invés de ensinar a confiar nela como amiga, principalmente a filha alimentava um medo e que se transformou em raiva. No dia seguinte Damares levantou-se cedo, preparou o café, aseou-se do pescoço para baixo e foi trabalhar como de costume. Quando acabou o expediente e voltou para casa, não viu a filha que já devia ter retornado da escola, perguntou para os dois filhos homens que ali estavam e não souberam responder, e como se estivesse pressentindo, abriu as gavetas da cômoda de madeira da menina e se deparou com um enorme vazio, toda a roupa que havia ali sumiu, então saiu desesperada a procura da menina, praguejando e a chamando de *safada* pelos cantos, até cair em si e entender que a garota havia fugido.

Damares passou duas noites na porta de casa sentada com uma garrafa de café e um maço de cigarros, parecida com a Matinta Pereira, à espera da filha. Meses depois, a mãe de Guto vem até a casa de Damares e fala que veio devolver Lia, pois estava grávida e nem Guto e nem seus familiares tinham responsabilidade nessa história e nem condições, pois a mulher que devia não engravidar, ele era muito jovem e não estava preparado para ser pai.

Damares surtou e não quis aceitar, soltou o verbo com Francis e se recusou por um bom tempo a aceitar Lia, até que seu marido interviu e ela aceitou, porém tentou inúmeras vezes dar abortivos naturais para a menina.

Para além da gravidez nada confortável e muito menos planejada, a garota ainda tinha que suportar os xavecós dos irmãos, das tias e da própria mãe. Chegou o dia de parir.

Era uma tarde chuvosa de 8 de setembro, a garota estava sozinha em casa e dormindo quando sentiu uma água entre suas pernas, acordou toda molhada, achou que havia feito xixi, tomou banho e voltou a dormir. Por volta das 18h, sua mãe chega em casa e estranha a garota dormindo a tarde, pois ela não era disso. Acordou e perguntou o porquê disso, a menina disse que estava com muito sono e falou que tinha uma água saindo de si desde cedo, Damares entendeu que a bolsa havia estourado e depois de muita insistência conseguiu levá-la ao hospital. Chegando lá foi mandada para a sala de parto para realizar a cesariana, pois não tinha passagem para o parto normal. Às 11h40 do dia 09 de setembro foi finalizado o parto. Uma coisa pequena, branca, olhos azuis e cabelos negros e cacheados chegara ao mundo.

Elu tinha nascido com vagina, útero e ovários e por isso o médico no parto lhe disse menina, mas ao crescer foi percebendo que se sentia pertencente ao gênero masculino, gostava e sentia pertencente a esse gênero e as imposições de gênero para com Elu aumentaram constantemente, primeiro com ordens para “sentar como menina”, “vestir-se como menina”, “brincar com coisas de menina” e “agir como menina” além de sempre ser lembrado que tinha uma vagina ao invés de um pênis e por isso devia ser como a menina que era.

Para além da imposição da cisnormatividade, o conflito familiar entre parentes era constante, e em sua grande maioria a criança era agredida com palavras ou fisicamente e psicologicamente também, mas os adultos ali presentes não acreditavam que ambientes ruins podiam traumatizar crianças. Elu vivia com a avó, avô, dois tios homens e uma tia mulher.

Lia havia ido e voltado da casa da mãe para a casa de Guto muitas vezes e a criança não tinha nenhum tipo de vínculo familiar com ela, ela acreditava que o fato de ter parido já a fazia mãe e que por isso a criança deveria vê-la dessa forma e respeitar.

Sempre que Guto e Lia “separavam-se”, ela voltava grávida. Foram três filhos, até que ela não aceitou mais ficar com Guto, pois ele queria Lia e mais

outras mulheres. Lia decidiu deixar as crianças com os avós. O primeiro ficou com sua mãe, que não abria mão da criança branca e os outros dois ficaram com a mãe de Guto. Lia sumiu no mundo por um tempo.

A criança que havia ficado com Damares sempre escutou coisas horríveis sobre Lia. Como que ela só ia procurar ficar *prenha* e jogar os filhos nas casas dos outros para serem criados, que ela ficava se agarrando com um e com outro, entre outras coisas que insinuavam que ela estava trabalhando como garota de programa. A criança sempre ficou muito confusa sobre esses fatos e acabou acreditando que Elu era o problema, que se não houvesse nascido nada daquilo aconteceria.

A tal tia, sempre que ficava a sós com Elu, utilizava desse momento para incentivar esse pensamento dela. Além de maltratar demais a criança, puxando-lhe os cabelos, batendo, gritando, se negando a alimentá-la e a mal dizendo.

Vestiam a criança com roupas ditas femininas. Certa vez, na hora do jantar, a sentaram no chão e lhe deram um prato de sopa quente, a criança tinha por volta de 5 anos de idade. Ao abrir as pernas percebeu que só estava com a saia, sem nada por baixo. Curiosamente foi verificar o que havia ali entre as pernas. A avó viu e surrou a criança dizendo que ela estava querendo fazer “*enxerimento*”. A partir de então a criança não quis mais descobrir nada que fosse relacionado ao seu corpo.

Desde os três anos de idade sentia aversão a ser considerado “menina”. Não se identificava de forma alguma a esse gênero e nada que fora imposto por conta da sua genitália o agradava. Porém nada podia fazer, pois todos diziam que isso era algo do demônio. Esses pensamentos de não ser pertencente ao gênero que Deus te fez era obra do inimigo. Único momento que os familiares eram tementes à Deus.

Ao decorrer do tempo, a personalidade da criança foi se desenvolvendo e com isso a tal masculinidade era tão presente que quando Elu tinha 7 anos, Damares disse que se Elu virasse sapatão, ela iria fazer Elu voltar a ser mulher na

base da porrada. Por conta da tal masculinidade como “essência” natural (uma construção social que a criança se identificou e a performance de masculinidade era muito presente) inúmeros homens cisgêneros e heterossexuais começaram a “provocar” a existência da feminilidade a partir de moléstias, sejam essas com palavras, insinuações, toques e “conversas” com apelos sexuais afirmando que ser mulher e “dar” para homem era o natural, na grande maioria esses homens visitavam a casa da criança constantemente.

Por volta dos 10 anos, essas “investidas” masculinas passaram a serem mais nítidas. Um sobrinho do avô da criança em uma comemoração, a pegou no colo e disse que se Elu tivesse ao menos 15 anos, ele pediria a criança em namoro e mostraria como é bom ser mulher. Damares, a avó da criança, percebia essa insistência masculina, mas nada fazia por acreditar que isso poderia ser a reversão do masculino para o feminino. A criança sentia muito medo e por conta desses assédios, tanto em casa quanto na rua e escola, decidiu se isolar de todos para sua proteção.

Essas imposições de nada valem quando a pessoa se sente pertencente a um gênero, essas imposições só servem para fazer pessoas transgêneras sofrerem. Para “alívio” dos parentes a frase “É só uma fase” era o que precisavam ouvir, porém a criança cresceu e entrou na adolescência, uma fase horrível para tal.

Seios aparecendo, pelos pubianos surgindo, curvas chegando, e uma feminilidade que não existia. Mais uma vez a imposição aparece, só que dessa vez mais forte a partir de xingamentos, ameaças e até surras, estupros e abusos “corretivos”, como punição a alguém que não conseguia se encaixar num papel que foi designado ao nascer, porém a fase não passou. Vieram mais violências, mais xingamentos e começaram a aparecer reações sutis por parte de adolescente.

Os primeiros cortes quase imperceptíveis no cabelo, a abolição da maquiagem, a androginidade nas roupas, formas de apertar seios para serem mais imperceptíveis, horas na frente do espelho imaginando como ficaria se tivesse o cabelo curto da forma que sempre quis, usando as roupas masculinas dos homens

que moravam na casa quando não estavam, mas essa “fantasia” desaparecia quando algum parente chegava e pronunciava “ela”, com finalidade de lhe colocar em um papel de gênero feminino.

A família era totalmente desestruturada e as brigas eram cotidianas. Lia já havia arrumado um marido e tinha levado os outros dois filhos para morar consigo, enquanto o primeiro continuava morando com a mãe, Guto não fazia questão alguma dos filhos e por ser homem, a sociedade normalizou esse ato machista e irresponsável. Uma tia avó foi morar na casa de adolescente e em uma situação decidiu falar para Lia que sua filha estava sendo maltratada por Damares, pois a mesma ameaçou dar na “cara” de adolescente e todos que ali estavam presentes viram. Lia foi tirar satisfações com Damares, que como de praxe surtou e mandou Nete morar com a mãe.

Nesse período que foi obrigada a morar com Lia, o adolescente passou por várias experiências ruins tanto com a mãe, quanto com o padrasto, que no início o humilhava. E quando tentou conquistar a confiança utilizou a força, coação e violência para abusar sexualmente do adolescente. Essa situação durou dos 11 aos 15 anos, quase que em segredo. Lia e Damares passaram a desconfiar do comportamento do adolescente que passou a se isolar cada vez mais e adoecer constantemente. Entretanto nenhuma das duas tomou a atitude necessária quando perceberam as mudanças de comportamento e quando decidiram fazer algo. Já havia passado anos e o psicológico do adolescente estava totalmente traumatizado.

Anos depois descobriu que sentia falta de carinho e foi procurar em relacionamentos. Tentou se encaixar novamente ao gênero “feminino” de “nascença”, apelando para a heterossexualidade, se envolveu com alguns garotos e foi horrível o fato dos homens acreditarem que a vagina só tem uma função, que é a de ser penetrada e quem a tivesse seria lida como mulher sempre. Até que pela internet encontrou meninas que gostavam de vaginas, lésbicas e bis, só que ainda

não era o que Elu precisava, ser tratada como uma vagina ambulante era desagradável e por isso o sexo não lhe parecia bom aos seus olhos.

Sofreu anos por não conseguir encontrar o que lhe faltava e não poder dar o que as pessoas queriam. Seus familiares descobriram seus relacionamentos virtuais com meninas, sua avó surtou e quis que Elu fosse ser “sapatão” fora da sua casa. Por intervenção do seu avô isso não se concretizou, entretanto a vida se tornou um pesadelo sem fim. Não era bem tratada, não comia direito, não dormia bem, precisava ter várias horas de trabalho informal para “sobreviver” e ainda assim era privado de viver com seu dinheiro, pois tinha que “pagar” por estar na casa da avó, além de ter seu dinheiro subtraído por pessoas que viviam na mesma casa.

Nesse momento Elu já sabia o que era e como chegar ao corpo e identidade que se identificava. Sua identidade de gênero era masculina, ele era um homem transgênero, após muitas rejeições de namoros virtuais ao saberem da sua identidade trans, a frustração pegou de uma forma que foi o suficiente para desistir de qualquer afeto e relação com quem quer que seja.

A mulher que o pariu dizia que ele tinha preconceito consigo mesmo por não aceitar que era mulher e que assim Deus o tinha feito. Essas violências psicológicas doíam mais do que as físicas que sofria constantemente, além das automutilações com intuito de fugir da realidade de estar “preso” a um corpo que não se identificava e ser vítima de transfobia por pessoas que segundo a sociedade deveria proteger e amar, apenas por serem “família” e terem o mesmo sangue.

Entre essas várias jornadas de trabalho, já com o ensino médio concluído aos 17 anos e trabalhando por conta própria como vendedor de planos funerários e professor de reforço, decidiu fazer cursos em pacote numa escola pública de seis meses, aos sábados para não ter que presenciar olhares desaprovadores em casa por ter cortado o cabelo e ter começado a usar roupas ditas “masculinas”

Era a primeira vez que ele estava sendo visto como homem, algumas pessoas olhavam e tinham dúvidas, até chegavam a questionar com grosseria o

seu gênero. No início ele preferia não responder, por a voz ainda não ser grossa como “deveria ser” para que pudesse ser lido como homem. Mas as pessoas tiravam as suas conclusões, o colocando em um papel de gênero feminino e ele odiava. Por isso quando questionado se era homem ou mulher, respondia ser homem e com isso as pessoas sentiam-se no direito de diminuir a sua autodeclaração indagando sobre o que tinha no meio das pernas e praticamente imploravam por uma resposta explosiva como “vai te foder, não te interessa o que tem no meio das minhas pernas”. Conseqüentemente vinham por parte da “plateia” os insultos e humilhações, afim de ratificarem o preconceito com o homem trans.

Nesse curso passou a ser mais antissocial do que antes, por segurança. Ele tinha uma grande fobia de pessoas e receio de ser lido como mulher, para que sua identidade masculina não fosse submetida a piadas e humilhações.

Alguns meses de aula, ele estava gostando das aulas, mesmo que algumas pessoas ficassem olhando para ele “de rabo de olho”, “cochichando” e dando risadas, fingia não ser com ele. Trabalhos em grupo para ele era muito ruim, pois ele sabia que sua aparência ainda remetia traços lidos como femininos e as pessoas olhavam com reprovação e o tratavam como se ele fosse uma criatura horrível, uma aberração e que era digno de ser humilhado e “saco de pancadas”. A professora do projeto o tratava como ele se identificou, como homem e por isso ele ficava sentado próximo à ela.

Certa vez, ao descer as escadas da escola, não viu que ainda tinha um degrau e pisou errado, nesse momento torceu o pé e ficou sentado no chão cheio de dores e nesse momento percebeu que ninguém ali se importava com ele, a não ser a professora que foi socorrer enquanto todos riam, inclusive o irmão dele que estudava na mesma sala. Ela se ofereceu para levá-lo à urgência/emergência, que ficava ao lado, mas ele recusou, pois ficou com medo e com vergonha da professora descobrir que ele era trans e ser tratado como mulher, pois ainda não

tinha nenhum documento com seu nome social. Ele foi sozinho, tomou uma medicação e voltou para casa mancando e só.

Já bastante acostumado com a professora, ficou surpreso ao chegar na sala e encontrar outra professora. A antiga não poderia mais ir por estar com crise alérgica ao ambiente empoeirado da escola, a nova professora tomou conta da turma, seu nome era Andréia, mas o garoto não gostou dela no início, pois julgou que ela fosse muito “certinha” e por isso teria preconceitos como os demais.

Ao chegar na sala o garoto chama atenção da professora por estar com uma camisa, jaqueta, luvas e calças jeans em uma tarde de 35 graus. Ele já estava acostumado a ser visto como alguém estranho, mas as roupas eram para esconder traços ditos femininos. A professora julgou ele como alguém que poderia dar problemas na sala por não concordar com o que ela estava falando quando ela assumiu a turma e ele por achar que podia ser “descoberto” a qualquer momento, humilhado e ser retirado da sala. Havia uma grande tensão por parte dos dois, um com medo do outro.

Em uma atividade de sala, a professora diz que precisaria montar duplas e sai de dupla em dupla anotando os nomes para a apresentação, ao chegar nele ela pergunta:

- Qual teu nome?

Ela pergunta.

- Aguiar!

Ele responde.

- Perguntei o nome e não o sobrenome.

Ela insiste.

- Vê na lista então, sou o último.

Ele sugere.

- Eu quero que tu me digas o teu nome, não quero ver a lista.

Ela diz.

- É Giuliano. Responde ele.

- Por que não disse logo? Ela pergunta.

Ele ri desconsertado.

Falar um nome que não se tem como provar ser seu era complicado para ele, pois ele não tinha nenhuma documentação com esse nome.

Até que em um dia por conta de uma lista de confirmados para certificado, ele se sente obrigado a pôr o nome civil, pois ainda não havia feito a alteração e nem era permitido, pois seus parentes não concordariam e ele não teria para onde ir, por isso também não havia iniciado a hormonização.

Na aula seguinte, depois de um clima estranho, a professora o chama no fim da aula para conversar e pergunta sobre aquele nome.

- Giuliano, que nome é esse na lista?

Ela pergunta.

- Meu nome civil.

Ele responde.

- Como assim?

Ela indaga, não entendendo nada.

Ele explica.

- Eu sou trans, um homem trans. Nasci com genitais ditos "femininos" mas me identifico como homem. Ainda não alterei os documentos por isso esse nome.

- Por que ainda não modificou?

Ela pergunta curiosa.

- Porque ainda não posso.

Ele responde.

- E na tua casa? Tua família o que acha disso?

Ela pergunta.

- Eles não entendem, acham que sou uma lésbica, mas também não importa. Eles não aceitam nenhum dos dois.

Ele responde.

- Caramba! Eu já tinha ouvido falar disso, mas nunca convivi com ninguém assim. No máximo com gay e lésbica, mas nunca com trans.

Ela fala.

- hum...

Diz ele visivelmente incomodado.

- Então, tu queres ser chamado assim? De Giuliano? Porque eu te conheci Giuliano e para mim não muda nada. E esse nome não combina nenhum pouco contigo, além de ser feio, desculpa.

Ela riu.

- Sim, eu odeio meu nome civil. Obrigado!

Ele finalizou a conversa e saiu andando.

Em outros momentos ela faz algumas perguntas por curiosidade e entra num assunto sobre espiritualidade. Ele já estava pronto pra debater de forma agressiva, pois estava cansado de ouvir que para deus a sua forma de vida era errada. Mas ela tentou explicar do seu ponto de vista espírita a transexualidade e demonstrar que não era anormal, mas também não era comum para as pessoas cisgênero, pois elas não aceitam e nem concordam na maioria das vezes e por isso as pessoas trans e travestis eram ditas como seres fora da sociedade, porque a própria sociedade as afastavam e exilavam. Eles passaram a conversar sobre, ficaram mais próximos e a partir dela em relação a algumas situações que aconteceram com o garoto, ele começou a entender que era médium. Ela sugeriu centros espíritas, mas ele não conseguia ir por medo e por não ter companhia e se sentia muito frágil perante a sociedade. Tudo precisa colocar o nome e o nome "de verdade" dele era algo que o colocava em uma situação constrangedora e dolorosa.

O curso acabou e ele se sentiu sozinho de novo. Andréia, que sabia que ele era trans, não o julgou e reprimiu por ele ser trans. Ele conseguiu achar a professora no facebook, passou um mês para mandar uma mensagem e quando

enviou era um grito de socorro. Não sabia a quem pedir e nem como pedir ajuda. Falou algumas coisas sobre o que estava passando e a enorme vontade de morrer.



Em outubro de 2016 o garoto estava quase se afogando na depressão que existia por conta das várias formas de abusos que foi submetido. Não aguentando mais decidiu entrar em contato com a única pessoa que podia confiar. Entre declarações nítidas de sofrimento e conversas, ele decidiu se abrir para a professora e contou o que o atormentava e todas as coisas que havia passado desde antes de nascer. Assim ele disse em uma madrugada:

- Bom, desde antes de eu nascer já não seria bom existir. Meus “pais” se envolveram em uma festa junina, ela com 13 e ele com 17 anos, depois de muitas brigas com a tal “minha avó” eles decidiram morar juntos e ela fugiu de casa. A mãe dela surtou porque não queria que a filha dela “emprenhasse”, colocava toda a responsabilidade da gravidez em cima da filha. Alguns anos depois a mãe do “bofe” veio entregar a menina porque ela estava grávida e não servia mais pra ele, porque segundo a velha o filho dela era muito novo pra ter um filho e essa responsabilidade não era dele, quem tinha que arcar com isso era a menina e a família que não souberam ensinar ela a se colocar no seu lugar - um nítido pensamento machista e escroto. Depois de muita discussão a mãe dela aceitou ela de volta, mas tentou por várias vezes fazer com que a filha abortasse, através de vários remédios caseiros com andiroba e tals, ela alegava que a filha não saberia cuidar de uma criança, que com 15 anos ela não sabia lavar nem as calcinhas imaginar cuidar de um bebê. Além de ter que aturar a mãe enchendo o saco, ainda tinha que aguentar o irmão mais velho dizendo que se ela entrasse em casa com a criança, ele saia pela mesma porta em seguida. A mãe ficava a favor dele porque na cabeça dela foi a filha que procurou engravidar e ele era homem, por isso tinha motivos pra falar porque homem não tem obrigação de cuidar de filho. Novamente ela fazendo valer a criação machista que deu à ele. Pois bem, chegou o dia do parto e quase não aconteceu porque a bolsa da menina rompeu em casa e como ela não sentiu dores não quis ir ao hospital, o padrasto junto com a mãe

tiveram que insistir muito para isso e depois de muita insistência, eu nasci. Eu acho que nem tinha feito um ano de idade quando a tal da “minha mãe” decidiu se mandar com embuste do meu “pai” e me deixou com minha avó, avô, tia e tios. Minha avó me deu um tapa porque eu queria mamar, aliás eu só mamava e ela foi querer dá o peito dela sem leite e eu morde com a gengiva, tive que aprender a ingerir alimentos diferentes do leite de peito pra sobreviver e não morrer de fome. A tal mãe voltava sempre que engravidava do embuste, foram três gravidezes e nunca parava de voltar para ele, até ele trocar ela por outra e ainda assim querer ficar com ambas. Eu não tinha muito contato com ela, mas sentia uma enorme carência porque era sempre visto como “o filho da vagabunda que pega filho e depois de parir volta pro macho” tanto que isso era esfregado na minha cara sempre que eu fazia alguma coisa de errado. Aos poucos fui deixando de brincar e ser criança, primeiro porque meus irmãos foram embora com a mãe e eu fiquei e segundo porque ninguém tinha paciência pra brincar comigo. A tia que cuidava de mim fazia questão de me maltratar sempre que possível porque achava que a mãe dela não gostava dela por minha causa, ela me batia, puxava meu cabelo, xingava e etc, um dos xingamentos era “maria macho” ou “machinho” por eu não performar a feminilidade. Eu apanhava por qualquer coisa seja dessa tia ou seja da avó, se ia mal na escola, se não queria comer, se não fiz tal coisa ou simplesmente por aceitar brincar com as crianças na escola. Hoje vejo que aos 7 anos eu era uma criança depressiva porque eu vivia triste, chorava por tudo, não sentia vontade de brincar ou viver e nem me sentia bem em lugar nenhum, além de não me sentir bem com o próprio corpo, pois na minha cabeça eu era um garoto e odiava ser tratado como garota. Essa forma antissocial e introspectiva serviu para algumas pessoas fazerem o que quisessem de mim. Essa tia conseguia me assustar me ameaçando quando ela não queria que eu falasse que ela estava praticamente transando atrás da igreja evangélica com o cara que cantava lá, ou quando o irmão dela entrava no banheiro sempre que eu estava tomando banho. O pior foi quando a tal da minha mãe tentou estabelecer contato e me levar para

passar uns dias com ela, ela estava morando com meus irmãos e um cara. No início esse cara me perturbava, me xingava, zuava até me fazer chorar, falava que eu era estranho e tal. Só que eu comecei a crescer e infelizmente o meu corpo começou a desenvolver, ninguém falou que era pra eu ter cuidado com todas as pessoas, as únicas pessoas que diziam que não era pra eu me aproximar eram os “viados” e “sapatão”. Esse cara descobriu que o que eu mais sentia falta na minha vida era carinho, que nunca tinha tido um pai ou mãe ou qualquer pessoa que demonstrasse sentimentos e que me tratasse bem.

- Eu até tinha meu avô, mas ele sempre deixava a minha avó gritar e me bater por qualquer coisa. Esse cara começou a mudar o jeito dele comigo, a me dá presentes, dizer que queria ser meu pai, me chamar de “filha” e dá carinho, a minha “mãe” começou a ficar com ciúmes dele e por diversas vezes brigou comigo. Ele em contra partida dizia para eu não ligar para ela e que ele me amava. Mano, eu tinha 11 anos! Então, se um tijolo dissesse que me amava eu amaria também apenas por querer que alguém me amasse e protegesse. Só que ele não estava afim de me ter como filho e sim de me fazer “virar mulher” como ele mesmo dizia. Um tempo depois ele começou a ficar estranho, aquele carinho que eu achava ser de pai começou a ser algo que me incomodava mas eu não sabia o porquê, até que em um dia ele mandou meus irmãos irem na padaria e eu fazer café, quando estava esperando a água esquentar ele me abraça por trás, mete a mão no meu short e começa a movimentar os dedos no meu clitóris. Eu congelei, não sabia o que fazer, ele me vira e me suspende na parede, beija boca e pescoço, joga na cama, arranca os shorts e calcinha e começa a lambar meu genital e em seguida tenta penetrar seu pênis asqueroso, o meu congelamento e medo ainda eram muito reais mas foram rompidos pelo choro de dor e então ele ouviu as vozes dos meus irmãos e mandou eu ir no banheiro me limpar, engolir o choro e não falar para ninguém porque senão eu iria ver. Cara, a partir daquele dia eu tinha horror de ficar perto de qualquer homem, mesmo porque dias depois ele conseguiu terminar o que queria e fazia o que fosse possível para eu não falar,

dava presentes, ameaçava, batia em locais que não se podia ver a não ser se ficasse totalmente sem roupa. Isso durou 4 anos. Nesse período minha avó mandou eu ir morar com a tal minha mãe por brigas entre as duas, eu era constantemente violentado e só tentava pensar em como podia fazer ele perder o interesse em mim, comecei a vestir roupas que cobriam mais, evitava ficar perto dele, mas era impossível porque ele morava na mesma casa e eu estudava em horário diferente dos meus irmãos e por isso era obrigado a ficar em casa na mesma hora que ele. Pensava em contar para alguém, mas não conseguia confiar porque sempre que tentava falar algo para a minha avó na infância, ela dava ouvidos aos adultos, gritava e me batia. A tal da mãe não ia acreditar e ele dizia que era porque ele fazia ela feliz e eu ia acabar com a felicidade dela.

- Eu não tinha nada de autoestima, era muito manipulável mesmo porque eu nunca tinha sido ensinado a me defender. Depois de muitos anos que para mim pareciam uma eternidade, minha avó começou a desconfiar e sempre que me perguntava aos gritos e ameaçando eu começava a chorar descontroladamente até que ela me levou no PROPAZ, a assistente social foi um amor, me tratou bem e me senti seguro mas quando fui com a psicóloga eu estremei. Tanto fazia para mim ele ser preso, o que aconteceria com ele não me importava, mas a culpa recairia toda pra cima de mim e eu não tinha pra onde ir. Estava com medo dele e dos meus parentes. Não me sentia protegido e seguro por ninguém e com isso comecei a chorar muito. Ela me mandou ir fazer exames e foi horrível, falei com muita gente que perguntava as mesmas coisas, sentia vontade de vomitar, fui furado dez vezes para fazer exame de sangue, não tinha comido e fazia dias que não comia direito porque não conseguia engolir nada, depois de tudo isso me mandaram de volta pra casa e quando cheguei nela ele estava lá. Eu só consegui me arrumar e ir pra escola.

Nessa altura minhas notas declinavam cada vez mais. Eu não conseguia me concentrar. Tentei falar para a tal mãe o que acontecia, mas sempre que eu chamava ela pra conversar ele me olhava com olhar aterrorizante e eu caía em

prantos. Ele passou a ser mais agressivo e enfiava como se quisesse me partir em dois, não se importava se eu estava pesando 39 quilos, ele só queria ter certeza que eu não falaria pra ninguém, ficava por cima de mim com seus 87 quilos não se importando se estava quebrando as minhas costelas ou fazendo minha vagina e ânus sangrarem. Eu não tinha mais resistência a nenhum tipo de infecção e os abusos só pararam por um tempo quando meu genital ficou infestado de bolhas. Mano, essas bolhas me faziam desejar morrer toda vez que ia tomar banho e fazer xixi. Eram dores infernais que uma vez urinando quebrei o vaso de tanto que eu estava sentindo dor. A tal mãe viu as bolhas e disse que eu devia ter deixado a minha calcinha em algum canto e por isso eu estava assim. Depois disso eu comecei a entender que eu não era obrigado a deixar esse nojento tocar em mim. E não sei como, só sei que comecei a me tornar agressivo com tudo e todos. Não ia mais acreditar em ninguém e que eu ia sair dessa sozinho porque ninguém se importava comigo e eu não precisaria me importar com ninguém também, sararam as bolhas e ele voltou a abusar, mas não era tão fácil quanto antes. A gente brigava sempre, eu tentei por várias vezes matar ele, mas a peste sempre dava um jeito de se safar. Até que ele começou a brigar muito com a tal mãe e ela decidiu se separar dele. Ela, meus irmãos e eu fomos morar num kit net 3×3, ele mandava mensagens e ligava constantemente dizendo sentir saudades tanto pra ela quanto pra mim, aquilo estava me dando mais medo do que o normal. Então saiu o resultado dos exames pelo Renato Chaves que fiz no PROPAZ e deu positivo para estupro. Bom, o ideal seria tanto a mãe quanto a avó perguntarem e me apoiarem né? Pois é, foi totalmente o contrário. Elas queriam saber porque eu não tinha contado e começaram a me culpar, dizendo que eu tinha gostado e que me insinuei. O resultado serviu para ele não ligar mais, mas em compensação me colocaram frente a frente com ele numa audiência. Nunca estive tão perto de me matar. Acabou que não o prenderam e nada fizeram com ele e eu não sei o porquê, um tempo depois fiquei sabendo que ele andava rondando a escola que eu estudava e o bairro que eu morava. Eu não queria mais sair de casa e assim fiz

por alguns anos, mesmo todo mundo mandando eu trabalhar porque eu já tinha idade e precisava fazer alguma coisa da vida, que eu ficava vagabundando em casa e tal. Eu sempre tinha que ouvir comentários de parentes sobre os abusos, dizendo que eu fui culpado e que tudo aconteceu com meu consentimento. Eu tentei me matar, mas eu nunca consegui concluir. Tentei trabalhar, mas o meu eu não se sentia confortável em estar sendo tratado como mulher e por não ser o que diziam que eu era. Muitos caras escrotos tentavam me fazer virar mulher na marra, assediando, tentando estupro e humilhando. Os caras que tentei namorar sempre chegavam querendo meter o pau deles e fazer eu ser a mulherzinha deles, comecei a odiar a ideia de me aproximar de homens e me afastei deles. As meninas que me aproximava diziam que eu nunca seria homem porque havia nascido mulher, então também me afastei delas. Me sinto bem não tendo que namorar, mas me sinto mal por ser a “piada” onde vou. A tal mãe diz que sou a vergonha da família por me vestir como homem, diz que tenho preconceito comigo mesmo por não aceitar que sou mulher e foi assim que Deus me fez. Avó faz o que pode pra infernizar a minha vida e me fazer sentir mal por me sentir um garoto. Os irmãos vão pelo mesmo caminho, eles não aceitam e me ridicularizam, eu só queria deixar de existir.

Então o Giuliano começa a chorar enquanto Andréia tenta acalmá-lo e diz que se sua casa fosse maior ela o levaria para morarem juntos. O garoto não dormia há dias e foi ao telefone com ela que conseguiu dormir.

Ele trabalhava por conta própria em casa e era a sua única fonte de renda, porém tudo que ele conseguia tinha que dar para os parentes como pagamento de deixarem ele morar ali, a depressão foi ficando cada vez pior. A avó negava comida e ele precisou trabalhar como entregador e ganhar R\$2,00 a cada entrega para poder comprar quatro pastéis antes de ir trabalhar a noite, pois não tinha comido nada o dia todo. Trabalhar sem ter comido era bem pesado, mas ele faria o que fosse possível pra não ficar naquela casa.

Em mais uma briga da tal mãe com a avó, ele implora pra que a tal mãe o leve na psicóloga em uma universidade na Almirante Barroso. Ela leva achando que essa ideia de que é homem está chegando ao fim. Marcada a consulta, ele retorna só e quando fala com a psicóloga ele relata o que mais o incomoda, ser homem e não conseguir se sentir bem no seu corpo, fala de forma rápida e objetiva o que aconteceu durante sua vida, o abuso e o que sente em relação a isso. A psicóloga diz que o problema dele está ligado a transexualidade, relembra um filme que assistiu e que o garoto lembra muito o filme “A Garota Dinamarquesa”, ela o leva para falar com um rapaz que pode ajudar.

Ele vai até a sala indicada, aguarda sua vez pacientemente e fala com o Beto. Ele lhe diz onde poderia iniciar a hormonioterapia e como pode tirar a carteira social, o garoto não entende nada mas agradece, pega os endereços e volta pra casa com a sua bicicleta. Pensa em como fazer essas coisas, não consegue chegar a um denominador comum então resolve pedir ajuda, fala com Andréia e pergunta a ela se ela sabe onde fica a tal “UREDIFE”, ela responde que sim e completa dizendo que trabalha lá. Ela explica para ele tudo sobre a carteira social e a UREDIFE.

No dia seguinte, ele pega o dinheiro que haviam lhe pagado e vai até ao encontro da professora. No dia 10 de maio de 2017 ele tira sua carteira de nome social, dá entrada no ambulatório transexualizador e conhece a sua mãe: um amor que não se explica, apenas sente.

Antes desse encontro ele começou a pensar em quanto a professora estava sendo legal com ele, uma mãe que ele nunca teve. No dia 14 de maio de 2017, as 00h00 em ponto ele manda um texto enorme no whatsapp agradecendo por tudo e perguntando se ela topava ser sua mãe.

No início ela estranhou, mas disse que sim. Ela acreditava que o ajudaria a se reconciliar com seus parentes, porém ela passou a acompanhá-lo no ambulatório e com a aproximação começou a entender a intensidade e o estrago que anos de negligência havia feito com ele.

Na primeira consulta com a psicóloga ele ficou muito mal porque a psicóloga deu a entender que ele poderia mudar de ideia sobre ser trans. Após enfrentá-la e fazer ela perder a fala, ele ficou mal por ter que sempre ser questionado se realmente é homem trans ou não, a professora tentou convencê-lo a fazer terapia com outra pessoa, mas ele se negou, pois iria provar para aquela mulher que ela estava errada, e assim o fez.

Após essa consulta ele ficou com a Andréia na UREDIPE. Quando perguntada quem era o menino, ela respondeu que era um aluno que ela estava ajudando. Ele ficou chateado, mas entendeu que não poderia forçar as coisas. A professora o convidou para ir até sua casa, ele aceitou sem hesitar. Chegando lá ela disse para ele ficar à vontade, o celular dela tocou e ela atendeu, o garoto deitou na cama e cochilou enquanto ela falava ao telefone, ele não dormia direito há muito tempo, ele acordou com um beijo dela no seu rosto, ela o abraçou e o fez ri. Por mais que todo aquele afeto fosse algo totalmente fora da normalidade dele, ele deixou, pois não se sentia invadido.

Essas visitas se tornaram cada vez mais frequentes até que ele pediu para chamá-la de “mãe”, ela ficou desconcertada, mas aceitou e assim ele começou a chamá-la de mãe. O namorado dela odiava o fato dela está se “relacionando” com um garoto de 19 anos, para tentar diminuir os ciúmes do tal, ela resolveu falar que ele era trans e assim explicar, pois o cara não sabia o que isso significava, ela acreditou que ele tinha entendido e ficado de boa porque ela não se relacionaria com ninguém que tivesse vagina. Foi falar para o garoto achando que ele iria ficar de boa, mas ele ficou muito chateado por acreditar que falar sobre sua transexualidade só poderia ser exposta por ele próprio ou com sua autorização e que o fato de ter vagina não o fazia menos homem, o que ele tinha com ela era uma afeto de mãe e filho e isso não se resumia a um genital ou identidade de gênero. Ela pediu desculpas e ele aceitou, mas ficou muito chateado com isso. Mas ela não tinha feito por mal e disse que não faria novamente.

Eles continuaram juntos, ela falava sobre sua família e as loucuras que ela acreditava que não poderia existir família pior e ele falava sobre as coisas que vivera. Ela concluía que tivera muita sorte por ter parentes que sempre a protegeram e cuidaram dela e aprendeu que nem todos que convivem e tem o mesmo sangue são família e por isso podem ser ou não bons.

As visitas se transformaram em finais de semanas juntos. Ele ficava tão feliz de estar com ela que mal conseguia lembrar das ofensas e piadinhas de mal gosto que tinha que ouvir quando voltava. O pessoal que ele morava perguntava para onde ele ia e ele respondia qualquer coisa. Quando chegava sexta-feira ele só faltava sair correndo com sua sacola com dois shorts, duas calcinhas que ele tentava fazer virar cuecas e camisas do círio que lhe foram dadas e outra que ganhou quando entregava panfleto de gás. Ele foi se abrindo cada vez mais e a professora (que a essa altura já era mãe) foi se apegando a ele e o vendo como filho. Ainda faltava muita coisa para ser exposta por ele, tanto que quando ele começou a ir para casa dela e comer direito ele ficou doente porque o estômago não estava reconhecendo mais alimentos como arroz, feijão, frango, salada e suco feito da fruta. Afinal ele só comia pasteis, pão e açaí, quando tinha dinheiro para comprar.

Na segunda-feira, de volta ao inferno, ele passou mal. Vomitava tudo que havia comido. Após acabar seu horário de trabalho, comeu um macarrão instantâneo e foi ao posto de saúde sozinho. Não tinha médico como o de costume e teve que esperar de 13h até às 16h. Ele até tentou ir no posto de saúde da Marambaia, mas não tinha quem o levasse e estava vomitando muito. Teve que esperar até o médico chegar. O banheiro da urgência emergência ficava num corredor que estava trancado com uma grade e uma corrente envolta, o garoto sentiu vontade de vomitar e quando tentava abrir a grade junto com a atendente que ali estava e havia colocado a corrente, vomitou todo o macarrão instantâneo nela e no chão. Ao abrir saiu vomitando o corredor todo até chegar no banheiro

onde vomitou mais, por isso a atendente decidiu abrir a grade e deixar um saco de lixo, caso ele quisesse vomitar mais.

Depois de horas o médico chegou, mal olhou na cara do garoto e mandou tomar um medicamento que o garoto não sabia, pois estava muito tonto e desorientado. Voltou para casa assim mesmo, tomou água pois não tinha nada para comer e deitou. Dormiu e acordou com Andréia ligando perguntando como ele estava. Ele falou o que tinha acontecido e ela perguntou se ele não queria ir ficar com ela, ele aceitou de imediato e ela se encaminhou para a Augusto Montenegro, na parada da boi d'ouro. Ela morre de medo de moto e estava disposta a ir buscá-lo de moto-taxi se fosse necessário, ele disse que dava conta de chegar lá. Ele se arrumou e foi, se encontraram e foram para casa dela. Ele acordou com muita dor no estômago e vomitando, ela o levou para UPA e depois de horas esperando foi atendido pelo médico que passou medicamento e na hora de aplicar, perderam a receita dele e tiveram que ir com o médico novamente.

Voltaram para casa e quando ele tentou comer uma banda de mamão, lá se vai privada abaixo através do vômito, além do que tiveram que ouvir a tal “mãe”, a genitora e sua mãe querendo saber onde ele estava, pois não tinha dito para onde iria. Não se importaram em saber se ele estava bem, só queriam ter o controle dele como se fosse uma posse.

Os finais de semana na casa de Andréia se tornaram rotina e os comentários pelos parentes também, caras feias nas segundas e questionamentos. Até que chegou 30 de junho de 2017. Giuliano e Andréia haviam decidido que passariam junho juntos para que em janeiro de 2018 passassem a morar juntos, afim de se acostumarem. Foi um dia cheio de baixos, choveu, ele não comeu, passou o dia ansioso, nada podia estragar sua felicidade por passar dias com sua mãe. A avó falou o que queria quando ele saiu, disseminou todo seu ódio por ele está com os cabelos cortados e vestido como um menino. Ele passara a comprar roupas para si com seu dinheiro, guardou R\$250,00 para pagar o óculos que faltava e ajudar na casa da sua mãe. A avó odiou isso, pois a pessoa que bancava

a casa, mesmo com míseros R\$350,00, estava indo embora. Ele disse que seria só um mês, mas o destino não tinha dito que concordava com isso. Então ele foi.



Capítulo

3

Agora vivendo com sua mãe adotiva, com carteira social e início de acompanhamento pelo ambulatório transexualizador, tudo aparentava estar bem, mas não estava de fato. Os traumas e medos do passado que eram sufocados para não demonstrar fraqueza, passaram a ter mais força. Dessa forma o garoto passava a não dormir direito por conta dos pesadelos. E percebendo o medo em sair de casa sozinho por medo de encontrar alguém do passado pelas ruas e ser reconhecido.

No primeiro ano morando com sua mãe o garoto ficou em casa e foi até bom. Aprendeu como organizar a casa à maneira da sua mãe, ao menos tentou, voltou a estudar para fazer vestibular e a estudar assuntos que lhe interessavam como gêneros e sexualidades, voltou a fazer curso de inglês em uma universidade, mas não era universitário. A convivência era boa entre os dois, pois sempre resolviam os conflitos conversando. O garoto tinha ataques de ansiedade e pânico e com isso tinha vontade de se mutilar para esquecer os medos, mas a mãe não deixava. Fez o que pôde para ajudá-lo, conversava muito com ele, escutava tudo que ele gostaria de falar até que ele continuou abrindo os sentimentos e situações e ela entendeu que ele era de fato filho dela, os parentes antigos não eram bons para ele e talvez nunca chegassem a ser.

Os dois viviam muito bem juntos. Os problemas vieram, mas nada que os afastasse, ao contrário. Certa vez, depois que mudaram para um kit net que ao lado tinha uma mulher que a nomearam de “bruxa”. Ela era horrível, queria controlar a vida deles, perguntava se iam sair e que horas voltariam, se incomodava por eles conversarem a noite e insinuava que o relacionamento deles era mais do que mãe e filho. Andréia já estava ficando irritada com toda a loucura dessa mulher, falou para o dono do kit net e nada ele fez para parar a loucura da “bruxa”.

No primeiro mês que os dois estavam no kit net, o dono fez uma confusão com os papéis de energia e não pagou a tarifa de uma pessoa que morou lá antes

deles e por isso eles ficaram um dia e uma noite sem energia. Andréia estava em casa quando isso aconteceu, mas nada podia fazer, pois a fatura estava em aberto e o dono do kit net não estava presente. Quando ele chegou foi informado do ocorrido, ligou para a central, mas não foi resolvido o problema, pois já estava no fim do expediente e ele precisaria ir até a central de energia.

Quando Andréia chegou a noite foi falar com o dono do kit net que disse que não tinha culpa porque estava tudo pago. Mas eles descobriram que a fatura aberta era de quase R\$2,00 e era de um rapaz que segundo o dono do kit net havia morado no local. O vizinho, que era sobrinho da “bruxa”, foi conversar com a Andréia e falou sobre a tia, que era uma pessoa horrível e ninguém na rua a suportava por ela sempre se meter na vida de todas as pessoas. Ele disse que não falava com ela mesmo morando praticamente ao lado, porque ela era maluca e tentava prejudicar todos ao redor, inclusive era o motivo do kit net não ser alugado com frequência e nem ficar muito tempo ocupado. Ele ouviu a situação da energia e cedeu uma extensão de mais de 5 metros para que Andréia e Giuliano não passassem calor, conectaram a extensão a casa do dono, porém a noite quando o dono do kit net foi fechar a porta da casa, a extensão desconectou e eles ficaram a noite no escuro.

Já bastante estressada com a falta de água no kit net, a louca e o seu cão ao lado e a falta de energia, Andréia já estava decidida a sair do imóvel, mas precisava esperar o mês acabar, pois tinha dado o depósito do aluguel. No dia seguinte o dono do kit net foi à Celpa sozinho, Andréia iria com ele, mas ele não esperou, pois ia para outro lugar e em seguida iria resolver esse problema. Se não bastasse todos os problemas acima, eles ainda se encontravam sem dinheiro e sem nada para comer a não ser dois pães do dia anterior e suco de pacote. Giuliano fez para comer pela manhã um copo com suco e um pão quente na frigideira com o restante de margarina que tinha, comeu metade e deixou metade para sua mãe. Ela voltou e ficou deitada com ele na rede, as horas foram passando e a fome foi apertando, já se passavam de 12h e eles ainda não tinham almoçado, ela entrou

em contato com uma amiga e seu pai para emprestar dinheiro, enquanto isso eles dividiam o último pão que tinham com um pouco de água que ainda restava.

Por volta das 17h, o dono do kit net chama para avisar que já tinham resolvido junto com o carro da CELPA e a energia estava restabelecida. O dono também mandou consertar o banheiro que nunca tinha água no chuveiro, mas ainda assim eles ficariam até findar o mês. A mulher passou a ser mais insuportável quando viu que Andréia era mais cumprimentada pelos vizinhos da rua do que ela.

Procuraram outro kit net alguns dias até que acharam um. Era acessível e bem localizado, mas ainda havia uma pessoa morando e tinham que esperar ela sair. Estava marcado para o fim do mês e assim fecharam negócio a mãe e a dona do kit net. Com o fim do mês se aproximando, a mãe e o garoto perguntavam se o kit net já estava vago. Eles se mudaram para o kit net ao lado, pois a moradora do kit net negociado demorou a sair, passaram alguns meses no kit net ao lado até que mudaram para o que negociaram.



Capítulo

4

2018 Chegou, com isso se tinha expectativas de um ano melhor. Andréia e Giuliano estavam cada vez mais próximos e conquistando seus objetivos. Compraram uma cama box de casal, pois dormiam em um colchão de solteiro no chão, as dívidas estavam sendo pagas aos poucos, compras em dia e despesas também. Eles nunca tiveram muito dinheiro, mas isso não era tão importante para eles. Aprendiam cada vez mais um com o outro a serem felizes com o que tinham, ou seja, um ao outro.

Giuliano começou a tomar hormônio e medicamentos para tratar a depressão e ansiedade logo após, teve um surto psicótico e acreditava está sendo perseguido por alguém em casa. No início foi complicado, pois sentia reações com a medicação, mas ao decorrer do tempo foi se acostumando e tudo foi normalizando, continuou fazendo o curso de inglês e estudando para o vestibular. Já conseguia viajar de ônibus sozinho, mas não sentia-se seguro para andar só.

Por mais que Andréia percebesse que a aproximação com os parentes de Giuliano não o fazia bem, ela se manteve em silêncio, se posicionou quando foi perguntada por Giuliano. Ele tentava manter um laço com a tal “mãe”, mas estava fazendo muito mal essa situação a ele. Pois, ela não o respeitava enquanto homem trans, não tinha interesse de entender e sempre diminuía sua identidade e até auto estima como forma de punição ao garoto, pois para ela, ele sempre seria mulher.

Perdeu as contas das vezes que Giuliano ia bem para casa da tal “mãe” e voltava em frangalhos por toda a transfobia sofrida e ainda tinha que aturar parentes relembrando os abusos. Ele tentou se afastar, mas a imposição social de que “filho” não deve se afastar de “mãe” o encurralava. Até que ele aprendeu que esse ditado se referia a amor, e percebeu que não havia amor por parte dela, pois ela entrava em contato com ele apenas para exercer seu “poder de mãe”, sendo aquela pessoa insubstituível porque tinha sido ela que teria parido. Entretanto, de nada vale essa imposição quando a “mãe” nunca teria sido mãe e após muita reflexão e terapia com a psicóloga que o havia questionado ser trans, ele decidiu

se afastar após escrever uma carta e ter como resposta a atitude dela de não respeitar a identidade de gênero dele, com isso ela ficou muito brava e disse:

- Eu ainda vou ver tu se arrependendo disso que tá fazendo com a tua mãe, eu que te botei no mundo e tu vai se arrepender. Que Deus tenha pena de ti.

Ele superou e passou a pensar mais na sua saúde mental do que em problemas que nada valeriam à pena. Sempre acompanhado por Andréia continuou seu tratamento psicológico, psiquiátrico, hormonal e atividades normais. Giuliano incentivou a mãe a continuar fazendo tratamento psicológico para aliviar trauma de assédio moral que havia sofrido em seu antigo trabalho, também fazia o que podia para sempre escutar a mãe quando ela sentia vontade de conversar e desabafar, eles não eram apenas mãe e filho, eram amigos e cúmplices.



Giuliano e Andréia foram aprendendo um com outro como ser família, o que significava amar e mesmo discutindo, tendo pensamentos diferentes, eles sempre tentavam ficar bem no final, sem ninguém ficar magoado. Foi um tanto difícil para Giuliano, pois ele não estava acostumado a dialogar e sim a brigar sempre, mas com o carinho e amor de Andréia ele aprendeu, inclusive se permitiu aprender com as demais pessoas.

O temperamento de Giuliano continuou forte e ele por sua vez, cabeça dura, mas para injustiças e pensamentos que não eram necessários em sua vida como a insistência da sociedade em um homem ter que namorar e fazer sexo mesmo que não quisesse.

Eles foram se descobrindo cada vez mais, Giuliano tinha certeza do que queria fazer quando passasse na faculdade e Andréia o incentivava. Ele aprendeu a fazer algumas comidas, pois ela amava comer. Alguns poucos amigos começaram a visitar sua nova casa e conhecer Andréia, certo tempo depois ele começou a fazer amizade e por conta disso começou a sair para caminhar com o amigo da outra rua, ir em reuniões, eventos da causa trans e Andréia também foi para conhecer e entender mais sobre o filho e para ajudar os filhos de pais que não se propõem a entender.

Mudaram de casa novamente, algumas pessoas passaram na vida dos dois, convivendo e até morando com eles, mas da mesma forma repentina que chegaram, foram embora também.



Capítulo

6

Andréia e seu filho aprenderam um com o outro que o amor supera tudo, óbvio que falo de um amor saudável, eles sempre ficam juntos em qualquer situação. Em 2019 Giuliano recebe a notícia tão esperada de que passou no curso que escolheu na universidade que sempre quis, uma felicidade enorme para ele. Mas Andréia, sempre desconfiada esperou para ter certeza e tentou controlar a alegria do filho para não se transformar em frustração.

Alguns dias antes, Andréia tinha acidentado a perna e estava sendo cuidada em casa pelo filho, ficou com a perna imobilizada e não podia fazer esforços. Os parentes dela não sabiam que ela tinha um filho, ela não quis contar a todo mundo, apenas para uma tia e sua prima. Quando Giuliano passou na universidade ele encontrou um grande problema para fazer sua matrícula, pois já teria que levar toda a documentação no dia seguinte e não tinha o histórico escolar do ensino médio por estar tendo que enfrentar um processo judicial para anulação da certidão.

Quando ele nasceu, quem o registrou foi a avó da “mãe” biológica sem a autorização da mesma. Após alguns anos e constantes brigas de quem ficaria com a guarda da criança, a “mãe” biológica o registra sem cancelar a primeira certidão, ele passou a ter duas certidões de nascimento com duas mães diferentes. Quando ele estava no ensino médio, elas decidiram parar de brigar e mandaram para a escola as duas certidões, a administração da escola verificou e prendeu as documentações e só iria entregar o histórico com apresentação de sentença judicial.

Ao fazer 18 anos ele deu entrada pela defensoria para cancelar a certidão e a partir disso tudo que se referia ao Giuliano em termos de documentação foi parado. Passados 4 anos, em Dezembro de 2018 se tem uma sentença.

Com a cópia da sentença em mãos ele volta ao bairro que havia morado quando criança e o pânico surgindo, ao chegar na escola solicita a entrega do

histórico e explica a situação, mas não pode levar porque o secretário havia colocado em sua gaveta social a pasta de Giuliano e ele não estava na cidade.

No dia seguinte o garoto pega as documentações que tem, inclusive a sentença, leva para a faculdade para fazer a matrícula, ele é submetido a pedir “recurso”, que é um prazo estendido para levar as documentações que faltam. Por conta desse processo ele não tinha título de eleitor, pois a tal “mãe” havia dito que ele seria preso se tentasse tirar, foi ao cartório eleitoral e depois de conversar e explicar toda a história conseguiu tirar o título de eleitor, mas para pegar precisava pagar a multa que havia sido aplicada por não ter votado na última eleição por já ser maior de idade.

Ele só tinha na carteira algumas moedas que eram para pagar a volta para casa, saiu em disparada correndo atrás de um banco do Brasil na Pedreira porque tinha que pegar antes do cartório fechar às 13h. Ao chegar no banco viu a fila enorme e começou a entrar em pânico pelo desespero, quase chorando foi pedir para o rapaz ao lado que iria antes dele passar o boleto dele e explicou que tinha passado na UFPA e precisava levar essa documentação, o homem disse que não podia e deu uma desculpa, não conformado Giuliano pediu a um grupo de mulheres que estavam conversando, uma delas se levantou e falou em voz alta:

- Gente! Esse menino passou na UFPA e precisa levar a documentação que falta urgente, só tá faltando pagar esse boleto de R\$3,75, o próximo que for, por favor paga pra ele? Ele tem o dinheiro, tá aqui ó! Suspendeu o boleto e a mão do garoto. Uma moça perguntou se era só esse valor de R\$3,75, ele balançou a cabeça que sim e ela disse:

- Bora lá no caixa que eu passo no débito.

Giuliano arregalou os olhos não acreditando e foi com ela. Ele estava muito nervoso e tremendo, quando ela deu o comprovante à ele e disse que não precisava pagar, ele a abraçou forte e agradeceu muito, em seguida saiu correndo.

Com o dinheiro que tinha, embarcou no ônibus, ao descer percebeu que estava muito longe do cartório e faltava apenas alguns minutos, esqueceu de vez

que tinha fobia social e que não tinha religião, fechou os olhos e pediu ao único orixá que sabia o nome:

- Oxalá, eu não te conheço direito nem nada, mas me ajuda mano a conseguir chegar no cartório e entrar na universidade, por favor, me ajuda.

Ao abrir os olhos viu longe uma moto e então pensou que seria o orixá mandando ajuda, acenou e gritou para o motoqueiro, ele então retornou e em questão de segundos subiu na moto de um homem desconhecido após falar da história da faculdade que falou no banco, o cara deu a carona e tentou acalmar ele, chegando lá ele novamente agradeceu e foi em direção a entrada quando o segurança fez um sinal negativo com dedo dizendo que não poderia entrar.

Giuliano entrou em total desespero nesse momento, já chorando ele implorou para deixá-lo entrar, o segurança ainda o zoou dizendo que não precisava chorar e uma galera que estava lá fora plastificando começou a rir do garoto. Pela insistência, o segurança foi falar com a recepção que deixou Giuliano entrar, pronto! Estava quase tudo encerrado, esperou e recebeu seu título de eleitor e declaração de quitação eleitoral. Ao voltar percebeu que estava morrendo de sede, contou as moedas que ainda tinha na carteira, 20 moedas de dez centavos, comprou uma água e foi caminhando para a casa. Já passava das 15h.

Ao chegar em casa contou o que tinha acontecido para sua mãe, ela não demonstrou reação alguma e ele se sentiu mal porque ela não tinha se importado, quando perguntou a ela sobre a reação, Andréia respondeu:

- O que vai adiantar tu fazer tudo isso e não dá certo lá na escola?

Ele respondeu com convicção:

- Vai dá certo.

Dia seguinte Giuliano vai até a antiga escola acompanhado pela sua irmã e fala com o secretário que além de ser um péssimo profissional por guardar uma documentação da escola em sua gaveta pessoal se acha no direito de dar sermão no garoto.

- Por que que tu não veio antes? Diz o secretário.

- Porque eu estava esperando sair a sentença que vocês disseram que entregariam quando eu trouxesse a sentença, eu tô aqui e a sentença também então me entrega meu histórico. Responde Giuliano

- Não. Pra entregar precisa da nova certidão, cadê a nova certidão? O secretário se altera.

- Eu ainda não tenho certidão porque não finalizou, mas está tudo escrito na sentença, lê ai. Responde o garoto ficando irritado.

- Ah mas não é assim. Para te entregar o histórico tem que apresentar a certidão. Esse papel nem tá assinado pelo juiz, tu tinha que vim antes e não agora em cima da hora. Ironiza o secretário.

- Cara, eu vim antes, mas tu não tava aqui. Tá ai a sentença, tu só precisa disso. Respondeu Giuliano.

-Vocês acham que tudo é fácil assim né? Chega, fala o que quer e leva o que quer. Se tu não tá gostando devia reclamar com a tua mãe que fez essa merda, eu não tenho culpa das merdas que vocês fazem. Tu e ela que são culpados. Insiste o secretário.

- Mano, isso não é da tua conta, o teu serviço é ser secretário, então faz essa merda direito, o que acontece na minha vida não é da tua conta, tu não sabe de nada, então fica na tua e faz a bosta do teu trabalho. Se irrita Giuliano.

-Ei, bora resolver logo isso. Ele tem que levar isso logo pra faculdade se não vai perder a vaga. Fala a irmã de Giuliano.

- Mas eu não posso dá o histórico, leva essa declaração que acabou - coloca o papel no balcão e ironiza - Boa sorte.

Giuliano pega o papel e responde à ele:

- Vai te foder! E saiu em seguida.

Giuliano foi até a universidade no dia seguinte.

Na vez anterior que foi na escola, Giuliano recebeu uma suposta data para a entrega do histórico pela vice secretária que o teria atendido, e a partir dessa

data foi dado um período para que o garoto conseguisse entregar o histórico na faculdade.

Giuliano voltou para casa e contou o que havia acontecido para a mãe, ela decidiu que iriam na Seduc resolver isso, pois essa não era uma atitude correta de quem é apenas secretário. No dia seguinte Giuliano e Andréia foram à Secretária de Educação do Pará - SEDUC, Andréia estava com muita dificuldade para andar por conta de um acidente que havia fraturado a patela do joelho, inclusive a ordem médica foi para que ela ficasse em casa de repouso, quando Giuliano citou essa recomendação, ela respondeu:

- Quero ver qual é o médico que vai me impedir de fazer briga pro meu filho estudar.

Andréia sabia de todo o esforço de Giuliano para conseguir passar na Federal. Sabia que ele se privava de divertimentos apenas para estudar e aquele curso, naquela universidade era um dos maiores sonhos dele, que passou a ser dela também.

Andréia estudou na UFPA nos anos 2000 em Ciências Sociais e 2011 em Serviço Social. Um pobre, de periferia, filho de pessoas humildes era algo que não podia ser explicado de imediato, era um grito de liberdade, uma realização porque apenas quem podia pagar boas escolas e bons cursinhos poderia e conseguia passar nos cursos da UFPA.

Andréia sempre teve o apoio dos familiares para estudar e ser alguém de muito sucesso e conseguiu graças aos avós que eram de Soure, mãe e tias que trabalhavam em fábricas de peixe e tios que eram pedreiros. Andréia é a neta mais velha, sua mãe lhe teve com 18 anos, filha de um vaqueiro e uma jovem estudante que passou a ser dona de casa, viveram os três juntos por 1 ano até que o casamento chegou ao fim, a mãe passou a trabalhar como doméstica e o pai sumiu no mundo, voltando a aparecer quando Andréia tinha 24 anos, desde essa idade mantendo contato por telefone.

Andréia foi criada em Soure pelos avós “Pai” Júlio Candido e a “mãe” Alenilda, vulgo Seu Júlio e Dona Cotinha, pois sua mãe tinha ido a Belém para trabalhar. Passado um tempo os avós e Andréia vieram para Belém. A princípio ficaram hospedados na casa de parentes, até alugarem uma casa, na baixada fluminense em Icoaraci. Foram morar todos juntos, mudaram-se algumas vezes e foram morar na passagem das Flores e permanecem há mais de vinte anos, os tios, avós, mãe e Andréia.

A vida era tumultuada, a casa era de dois compartimentos de madeira mais banheiro para 8 pessoas, quando a família se mudou eram apenas eles no terreno, eles e o mato, posteriormente vieram outras pessoas por meio de invasão e povoaram a passagem das Flores. Andréia foi crescendo e estudando, descobrindo amor por livros, fazia aula de reforço e aprendeu a ler e escrever para poder entrar de vez na escola.

Quando criança, até a adolescência, Andréia era muito apegada a sua mãe até que a mãe saiu da casa e deixou Andréia com seus pais. A princípio a mãe de Andréia iria morar só, porém estava namorando e o rapaz ia na casa até que decidiram morar juntos. Andréia sentiu-se excluída pela mãe, pois a mãe foi embora sem ao menos perguntar se Andréia queria lhe acompanhar. A mãe da menina ia na casa como visita e isso fez com que os laços de mãe e filha ficassem frágeis.

Ao terminar o ensino médio Andréia foi procurar emprego e com isso aprendeu a andar em Belém. Adquiriu algumas experiências de venda, bolhas no pé, corridas de cachorro, um homem louco e pessoas que diziam estar sendo agoradas pela garota vender planos funerários, descobriu que era uma péssima vendedora e decidiu fazer outras coisas para ganhar dinheiro. Entre “trancos e barrancos” ela passou no vestibular, trabalhou no IBGE, além de trabalhar na escola de uma prima que não pagava. Arrumou o primeiro namorado, conseguiu durante 3 anos um estágio dentro da UFPA e no laboratório de informática que estagiava aprendeu a mexer no computador até que comprou o seu e fez amizades

que algumas duram até hoje, inclusive os padrinhos do seu filho são amigos de faculdade de Andréia.

Andréia concluiu o curso de Ciências Sociais, mas não queria trabalhar na profissão porque não queria dar aula de jeito nenhum. Fez concurso enquanto trabalhava como atendente numa revenda de livros de receita, quando estava saindo e não sabia o que fazer da vida, o pai apareceu e disse que iria ajudar a moça com trabalho na sua terra, mas nesse meio tempo conseguiu passar no concurso, porém era em Vitória do Xingu e por falta de emprego na cidade ela estava disposta a ir, mas ainda estava fazendo faculdade e por conta disso foi trabalhar na ADEPARÁ e depois foi para SESPA onde se encontra até hoje, mas não pretende ficar pra sempre.

Andréia queria sair da casa dos avós e para isso precisava de dinheiro, e com isso colocou currículos por alguns lugares até que a chamaram para uma entrevista na Creative, uma organização com projetos voltados para a profissionalização de jovens e adultos. Ela não pôde ir na primeira vez, na segunda vez ela foi sem preparar nada para expor e mesmo assim ficou no trabalho e descobriu que sabia e gostava de dar aula.

Andréia trabalhava como *free lancer*, era chamada para lecionar em projetos inteiros ou substituir algum professor que não podia ir. Ela tinha terminado um projeto e entrando em outro, a chamaram para ir para Jaderlândia, logo ela pensou que seria assaltada, morta, mas precisava ir por conta do pagamento. Ao chegar para substituir sentiu muita pressão por parte dos alunos, pois sentia que os alunos gostavam dela, e assim fez sem compromisso até que a colocaram para assumir o projeto e com isso começou a ir mais a fundo com o projeto e os alunos.

Andréia percebeu alguns alunos e suas peculiaridades até que surgiu um aluno que chamou sua atenção por estar com monte de roupas e luvas, acreditou que ele fosse metaleiro. Ao decorrer do curso percebeu que o garoto era inteligente e via que ele prestava atenção na aula, com isso passou a ter medo ao

pensar que seria questionada pelo mesmo, ela não via a hora dele levantar da cadeira e questionar a qualquer momento, mas ele nunca a enfrentou e isso fazia ela pensar em demasiadas formas do indivíduo não está ligando para o que ela estava falando.

Aos poucos ele se aproximou dela, em uma das aulas o garoto chegou cedo, interrompeu o sono dela e começaram a conversar, observou que o garoto não era rebelde e sim incompreendido. Ela foi conversando com ele e tentou demonstrar que entendia os dramas sofridos pelo garoto, mas mal ela sabia que não era nem 1/3 do que se passava com ele. Esse garoto era Giuliano.

No fim do curso foi complicado, pois Andréia criava laços com os alunos e sentia dificuldades para se despedir. Para receber o diploma foi passado uma lista e por ter poucos alunos percebeu que o nome de Giuliano não estava na lista e sim um nome dito feminino e com isso decidiu chamar Giuliano para conversar sobre. Passou pela sua cabeça que se tratava de uma pessoa transgênero, em particular ela o chamou para conversar e com isso passaram a ficar mais próximo. Na confraternização Giuliano ficou até o final da festa e levou-a na parada e com isso sentiu que o garoto não queria ir embora.

Uma semana se passou, no ônibus Icoaraci eles se encontraram e conversaram. Nesse ano passaram a se falar pelas redes sociais e a aproximação foi ficando cada vez mais intensa até que eles se adotaram.

No início Andréia teve vários tipos de sentimentos como medo, insegurança, felicidade, terror, amor, conflitos. Após idas as UPAS e hospitais os dois decidiram ficar juntos e lutar por isso. Não foi fácil porque nem todo mundo entendia esse encontro de almas e após muitas palavras inconvenientes e sentir na pele a discriminação de ser mãe de um garoto grande, Andréia só conseguia pensar em quanto amava Giuliano e o quanto era amada. Graças a esse amor mútuo conseguiram passar por muitas desavenças e conflitos proporcionado por terceiros e juntos decidiram que dali pra frente eles eram a família um do outro, estavam sempre juntos e cuidando um do outro.

E na luta para a universidade do filho não seria diferente, mesmo com muita dificuldade para andar, Andréia foi atrás de uma solução para a falta de histórico e foi graças ao esforço de uma mãe que já estava cansada de ver o filho andando para um lado e para outro totalmente apavorado por conta dos traumas sofridos, buscou quem fosse para resolver essa situação e assim o fez. Foi até a gestora responsável pela escola que estava prendendo a documentação do filho e em poucos minutos resolveu esse problema.

Dias depois, após saírem de uma consulta de perícia para o trabalho de Andréia e foram com uma amiga até a sala da gestora e tiveram em mãos o histórico tanto desejado. Ao entregar ela falou à ele para não esquecer dela, de fato ele não esqueceu a Gestora Selma.

Documentação entregue à faculdade, nome social solicitado com sucesso, agora Giuliano era universitário e foi ótimo estar em um lugar que sempre sonhou.

Giuliano estava fazendo faculdade, recebeu alta no CAPS o qual era paciente, encontrou-se no movimento social participando de uma ONG LGBTI, sentia-se seguro para andar só por alguns lugares, sua aparência estava cada vez mais “passável” em relação a sua identidade de gênero e por isso sentia-se seguro, mas ainda faltava algo que ele não sabia dizer. Giuliano sentia um vazio no seu interior, não sentia-se completo de fato e sabia que isso poderia ser pela espiritualidade. Ao conversar com Andréia, sua mãe, ele tentou iniciar os estudos em um centro espírita que ela frequentava, ele gostava da filosofia do centro, lhe interessava muito aprender a caridade e estudar sobre evolução, mas não se sentia bem no centro, toda a euforia e interesse foram deixadas de lado e o tédio e irritabilidade foram tomando conta. Ele não se sentia inserido naquela religião.

Parou para pensar o porquê não se sentia bem e percebeu que não se via representado em meio dos médiuns. Não conseguia encontrar um motivo que fosse forte o bastante para continuar. Nem a filosofia e nem o trabalho ali presente o faziam querer permanecer. Então saiu do centro.

Ao conversar com sua madrinha, se interessou para visitar a casa de axé a qual ela fazia parte. Giuliano teria ido em um terreiro algumas vezes quando criança, observava o pai de santo incorporado, as imagens ali presentes, algumas enormes e outras pequenas, ambas lindas e bem feitas. Pretos velhos também estavam ali, cânticos eram realizados e giras eram frequentes. Mas, Giuliano sentia muita dor de cabeça quando estava lá, sentia o corpo tremer e tontura, acreditava estar passando mal e como ainda era criança e seus parentes não gostavam e nem acreditavam em religiões de matriz africana, o garoto se afastou. Ele sentia vontade de ir em outros terreiros, mas não haviam lhe convidado e ele não sabia onde tinham, até que sua madrinha o convidou para a “Jurema”, uma gira na qual se faziam presentes caboclos da mata em alguns médiuns de incorporação.

Ao chegar no terreiro e iniciar os cânticos, Giuliano começou a tremer e sentir a energia, Andréia ficou desesperada achando que estava acontecendo algo com o filho. Os caboclos foram chegando e Giuliano foi esquecendo de todas as outras coisas da vida e focando apenas no que estava acontecendo no terreiro, ficou encantado com a gira, falou e pediu bênção de alguns caboclos e quis saber mais sobre.

O filho da madrinha de Giuliano também fazia parte das religiões afro religiosas e convidou o garoto para conhecer sua casa de santo. Ao chegar na casa Giuliano logo avistou duas imagens grandes, uma feminina e outra masculina que lhe chamaram muita atenção. Ele não conseguia parar de olhar para elas, conversou com os pais de santo que lhe pareceram serem bem legais, disse que voltaria.

Após alguns meses, foi a um candomblé no qual os pais de santo dançariam, ficou mais encantado ainda, ao ver todas aquelas pessoas saudando e festejando o sagrado afro, ficou apaixonado e perdeu um pouco os sentidos

quando o Pai Ogum estava dançando. Sentiu uma energia que nunca tinha sentido antes e sentiu-se muito bem.

Os pais de santo o convidaram à ir nas suas reuniões semanais. Ele foi na primeira, na segunda, foi ficando até que entrou na casa. No início foi difícil modificar alguns hábitos e principalmente conviver e socializar com as pessoas, mas juntamente com os caboclos e o pai de santo foi aprendendo a ser menos agressivo e mais gentil.

O afro religioso lhe mostrou que o que ele via, sentia e escutava não eram loucuras, acalmou o seu coração em alguns aspectos, lhe deu segurança para vencer os medos e o mais importante, lhe devolveu a fé.

Alguns anos atrás, quando perguntado sobre religião, Giuliano se dizia sem nenhuma e quando questionado sobre Deus, se acreditava ou não, ele não sabia responder. Ele acreditava em energias, acreditava que poderiam existir forças que para seres humanos não poderiam ser vistas ou tocadas pelos mesmos, mas não acreditava que Deus seria o único ser de força e de bondade, mesmo por não concordar com pontos que pintavam Deus como um ser muito bom, entretanto na bíblia não era percebido isso tão nitidamente, ele respondia:

- Acho que possa existir deus e até outros deuses e deusas, mas não acho que devemos acreditar cegamente em apenas um Deus que é o da bíblia e dos cristãos. Mesmo porque aos meus olhos ele não é esse poço de bondade e justiça. Acho que os homens pintam deus e Jesus a sua maneira e para mim acreditar nesse deus dos homens e da bíblia é acreditar nos homens e não em deus de fato. E o catolicismo não me convence, pois no passado foi cruel com muitos inocentes e hoje, não apenas o catolicismo, mas as religiões cristãs e que acreditam em deus, se dizem boas e iluminadas por deus. Sei que quem estraga o legado das religiões são as pessoas e as religiões em si são maravilhosas, mas também sei que são as pessoas que se dizem representantes das religiões e por isso as interpretam ao seu

modo. Outro ponto é que eu faço parte da população LGBTI e por isso não fui aceito e bem visto em alguns templos. Então, como posso acreditar que deus ama todos os seus filhos à mesma maneira se sou proibido de saber mais sobre deus ou a religião por ser quem sou? Como se fosse uma escolha? E por conta da minha identidade ser demonizado?

Andréia é uma mulher muito religiosa, acredita nos santos da igreja católica, na doutrina espírita. Não força ninguém a seguir no que ela acredita, mas também não deixa de cultuar seus santos por conta de opiniões intolerantes. Quando Giuliano foi morar com ela, ela falava muito sobre o espiritismo e era muito devota de Nossa Senhora de Nazaré. Giuliano sentia um carinho enorme pela santa, via a imagem peregrina saindo pelas ruas de Belém no Círio e ficava encantado com as procissões. Antes de ir morar com Andréia, o garoto se pôs a vender picolé no domingo de Círio para comprar seus óculos que precisava para estudar. Fez um esforço e conseguiu comprar os picolés, foi para o centro de Belém, avenida Nazaré no sábado e domingo com seu isopor na cabeça e viu multidões se preparando para a passagem da santinha, ficou deslumbrado com os preparativos.

No domingo saiu bem cedo em rumo ao Círio. Quando viu a imagem passar ele congelou de emoção. Era sua primeira vez em uma procissão do Círio, parecia que não existia mais ninguém na avenida Presidente Vargas a não ser a berlinda com a santa e o garoto com o isopor, ele conseguia ver feixes de luz por cima da santa e das pessoas, via a fé dos promesseiros, a alegria nos olhos de mulheres jovens e idosas com seus objetos de promessas em mãos. Não existia calor, aperto ou sede que pudessem parar aquelas pessoas que estavam seguindo a berlinda. Em algumas horas ele conseguiu mais do que precisava para pagar os óculos e ainda viu a santa que ele gostava.

Andréia o levou para o Círio em 2017, ele acompanhou a procissão como queria ter acompanhado no ano que foi vender o picolé e com essa aproximação

foi aprendendo a amar Nossa Senhora de Nazaré e homenagear sem medo do que falariam ou pensariam. Ele gostava muito de sentir a energia da santa. Com isso a fé dele foi crescendo e a necessidade de fazer parte de uma comunidade religiosa foi ficando mais forte.

O vazio que ele sentia foi preenchido com a sua entrada no terreiro. Sua fé foi crescendo cada vez mais, ele aprendeu a amar voduns, encantados e santos. O medo que sentia ao se aproximar de imagens foi sendo compreendido e tornando-se normal. E o melhor de tudo é que ele entendeu que todas as dificuldades que ele enfrentou, ele não passou à toa. Com elas ele aprendeu lições e teve oportunidade de tornar-se alguém melhor.

Atualmente, ele ainda tem frustrações, expectativas e tristezas como qualquer ser humano, mas ele sabe que não está sozinho e nunca esteve, sabe que tudo na vida tem um fim de aprendizado.

Seu coração está tranquilo. Posso dizer que ele está vivendo a melhor fase da vida dele até então. Está crescendo e se desenvolvendo mais e mais graças à todos que o acompanham. Está realizando seus sonhos e trabalhando para realizar cada vez mais. Deixando o passado no passado e vivendo um dia de cada vez. Aprendeu a amar e a se amar. Aprendeu a dizer sim e também não. Aprendeu a agir e também a calar. Aprendeu a acreditar sem questionar e também a não ser enrolado. Aprendeu que decepções fazem parte da vida, mas que não devem ser levadas tão a sério. Aprendeu a ajudar e trabalhar.

Aprendeu a viver. Cresceu. Tornou-se homem, mas nunca deixou e nem deixará seu coração de menino desaparecer.

O amor salva, cura e ensina.



O autor



Sou escritor LGBT, artista, graduando em administração pela Universidade Federal Do Pará, voluntário da ONG Olivia e no Gepem atuo nas temáticas relacionadas a gênero e sexualidade, tenho como experiências rodas de conversas, entrevistas, pesquisas e palestras sobre a temática Trans.



Este livro faz parte do Projeto “Ivonete Pinheiro: Sim, Vidas Negras Importam”. Este projeto tem o objetivo de trazer à tona produções que valorizem as vidas das pessoas negras enquanto pensadoras de sua realidade, pessoas que produzem teatro, cinema, literatura, ciência, etc. Memórias de periferias onde as pessoas vivem, nascem, crescem, criam suas famílias, contam suas histórias e também, infelizmente, lugar onde as vidas negras sofrem constantes ameaças e onde resistem constantemente. E quem é Ivonete Pinheiro? Uma jovem negra e periférica, graduada em ciências sociais e mestre em sociologia e antropologia, uma jovem antropóloga, feminista negra e referência para outras jovens negras que a cercam, também faz parte da Editora Gato Ed.



O desenho é de Danilo Pietro Craveiro e ele explicou que:

O coração e triângulo significa a adoção, o chapéu é uma representação característica minha e as cores azul, rosa e branco remetem a bandeira de orgulho trans.



Gato Ed

EDITORIA
